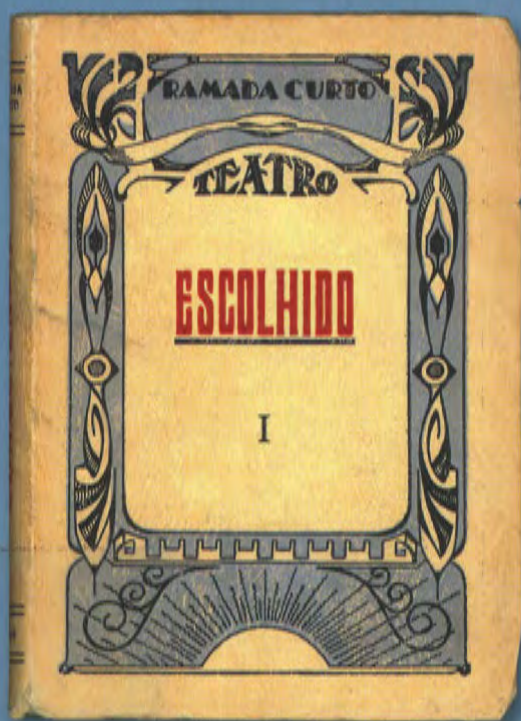


RAMADA CURTO TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica
de DUARTE IVO CRUZ



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



OFERTA

82.1343
EVR, R 1

BIBLIOTECA
DE AUTORES
PORTUGUESES

RAMADA CURTO
TEATRO ESCOLHIDO

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
ULFL
147431
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Título: Teatro Escolhido
Vol. I

Autor: Ramada Curto

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Levi Condinho

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Setembro de 2004

ISBN: 972-27-1346-9

Depósito legal: 215 392/04

RAMADA CURTO

TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica
de DUARTE IVO CRUZ

Vol. I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

OS REDENTORES DA ILÍRIA

[1916]

OS REDENTORES DA ILÍRIA

PERSONAGENS:

ANDRÉ DUFRESNE	CLARA WALZEWA
GENERAL CONRADO	RADITCHEF
SÉRGIO LITVINE	SÓNIA
BANQUEIRO IOKELMAN	CONTÍNUO
CAPITÃO FELTZER	PEQUENO SÉRGIO
NIKOLSKI	GENERAL IVAN KOUKOUTZOF
KOWALEWSKI	SOLDADO
MARUSSIA	MÉDICO
JABOTINSKI	ENFERMEIRO
STEFAN	KATIA
REI	

I ACTO

Um salão no palácio real da Ilíria, sumptuosamente decorado e iluminado. Dois degraus a toda a extensão da cena dão acesso a uma galeria, entre colunas, ao fundo da qual se abre uma larga janela que dá para o exterior do palácio. A maior perspectiva de fundo e a maior profusão de luzes. O salão é um fumoir. Largos divãs à D. e à E. no primeiro plano. Mesas pequenas com cigarros. Estatuetas e plantas ornamentais entre colunas. Portas à D. e à E. no segundo plano. No primeiro, à E., uma porta; à D., uma janela.

É noite de baile no palácio. Ao levantar do pano ouve-se música de câmara. Pares passam ao fundo na galeria. Outros passeiam. Profusão de fardas vistosas.

OS REDENTORES DA ILÍRIA

PERSONAGENS:

ANDRÉ DUFRESNE
GENERAL CONTRADO
SÉRGIO LITVINE
BANQUEIRO IOKELMAN
CAPITÃO FELTZER
NIKOLSKI
KOWALEWSKI
MARUSSIA
JABOTINSKI
STEFAN
REI

CLARA WALZEWA
RADITCHEF
SÓNIA
CONTÍNUO
PEQUENO SÉRGIO
GENERAL IVAN KOUKOUTZOF
SOLDADO
MÉDICO
ENFERMEIRO
KATIA

I ACTO

Um salão no palácio real da Ilíria, sumptuosamente decorado e iluminado. Dois degraus a toda a extensão da cena dão acesso a uma galeria, entre colunas, ao fundo da qual se abre uma larga janela que dá para o exterior do palácio. A maior perspectiva de fundo e a maior profusão de luzes. O salão é um fumoir. Largos divãs à D. e à E. no primeiro plano. Mesas pequenas com cigarros. Estatuetas e plantas ornamentais entre colunas. Portas à D. e à E. no segundo plano. No primeiro, à E., uma porta; à D., uma janela.

É noite de baile no palácio. Ao levantar do pano ouve-se música de câmara. Pares passam ao fundo na galeria. Outros passeiam. Profusão de fardas vistosas.

CENA I

ANDRÉ DUFRESNE e o GENERAL CONRADO, que descem conversando da galeria até ao primeiro plano, à D.; à E., num grupo, SÉRGIO LITVINE, o BANQUEIRO IOKELMAN e o CAPITÃO FELTZER

CONRADO (*a André*) — Veio encontrar a Ilíria muito mudada, Dufresne, não é verdade?

ANDRÉ — Não lhe sinto a diferença, general...

CONRADO — Como não sente? Mas passou pelo meu país uma revolução. Somos hoje um povo livre, um povo redimido e o senhor deixou-nos quando nada disto assim era.

ANDRÉ — Para mim, estrangeiro, essas coisas não constituem uma mudança apreciável. Os aspectos são os mesmos que eu deixei há oito anos, simples *attaché* da Legação. Quanto ao resto, Sua Majestade Alexandre VI, soberano de posto...

CONRADO — O odioso tirano!

ANDRÉ — ... era um *gentleman* encantador. Sua Majestade Nicolau III, soberano reinante, é uma figura de chefe de Estado altamente simpática.

CONRADO — Compreendo. O Sr. Dufresne é como todos os seus colegas, os diplomatas, uma pessoa insuportável. Não há maneira de se conversar com os senhores, de lhes apanhar uma opinião, um parecer, um simples conceito. Outro tanto não sucede connosco, os militares... Somos francos, rudes até...

ANDRÉ (*rindo*) — Mas, general, o senhor passou quase toda a sua vida como eu na diplomacia. Essa rudeza só se a aprendeu em Viena, em S. Petersburgo ou na minha amável Paris...

CONRADO (*embaraçado*) — Perdão, eu estive na Ilíria até capitão...

ANDRÉ — Bem sei. Ensinando Humanidades na Escola Militar de Tübingen...

CONRADO (*concordando, risonho*) — Sim... Tem razão... A vida militar fi-la pouco... O que não impede que tenha chegado a general nos exércitos reais da Ilíria.

ANDRÉ — Um comentador de Tito Lívio e de César, que melhor general pode haver?!...

CONRADO — Sempre com a vida dos grandes cabos-de-guerra presente, é o que quer dizer, não é? Ironista, diplomata!

ANDRÉ — Parisiense!...

CONRADO — Ah! Adoro Paris, meu caro... *(Ao grupo onde está Sérgio Litvine.)* E o mesmo sucede a Litvine, não é verdade?

LITVINE *(voltando-se)* — Que diz, general?

CONRADO — Dizia ao seu amigo Dufresne que você adorava Paris...

SÉRGIO — E dizia bem, general. Toda a Ilíria adora a França. Todo o homem civilizado tem, é já banal dizer-se, duas pátrias, a de origem e a França... Eu, além de tudo, fui educado em Paris...

CONRADO — Não aprendeu lá a esquecer a sua pátria, não é assim?

SÉRGIO — Ao contrário, aprendi a amá-la, a minha Ilíria. É na grande França que se aprende a amar a Liberdade e o Direito e foi lá que me ensinaram a lutar por eles na minha terra...

CONRADO — Sempre orador este Litvine... Uma moça-glória da nova Duma.

ANDRÉ — Conheço-o bem, desde o bairro latino... E sempre augurei que ele viesse a ser nesta bela Nação a moça-glória de que fala...

SÉRGIO — Até comigo, André, és diplomata, o que quer dizer lisonjeiro... Um francês nem com os íntimos deixa de ser amável...

FELTZER — A França é a terra da galanteria...

ANDRÉ — O senhor capitão esteve em França?

SÉRGIO *(a André)* — Não conheces? *(A Conrado.)* General, queira fazer a apresentação...

CONRADO — O capitão Feltzer, do Estado-Maior... O senhor secretário da Legação Francesa André Dufresne.

ANDRÉ (*apertando a mão a Feltzer*) — Muita honra, capitão...

FELTZER — Estive em Paris, como adido militar... Adoro o seu belo país.

CONRADO (*prossequindo as apresentações*) — O banqueiro Iokelman...

IOKELMAN — Isac Iokelman, um admirador de tudo quanto é francês... Os meus princípios foram também em Paris... Fui *chargé de pouvoirs* de Openheim e irmãos... Tenho a honra de conhecer Sua Excelência o Ministro da França...

ANDRÉ — Creio já o ter visto na Legação.

IOKELMAN — Efectivamente...

CONRADO — Que diz à nossa festa, Dufresne? Que demónio! Abandone um pouco a sua reserva. Que lhe parece o aspecto, pelo menos exterior, duma festa na corte sob o novo regime?

ANDRÉ — Não lhe sinto a diferença, general... Somente me parece...

CONRADO — Diga?

ANDRÉ — Que há menos mulheres...

SÉRGIO — Tens razão. As mulheres são por sua natureza conservadoras e timoratas... Daí o seu retraimento diante dum regime liberal e democrático que acaba de sair duma revolução...

CONRADO — Há uma outra razão, Litvine. Alexandre VI era um homem novo e galhardo... Sua Majestade Nicolau III vai nos setenta... Falta por esse motivo ao regime liberal a solidariedade das mulheres. (*A André.*) Tem-na a vossa República, porventura?

DUFRESNE — Em França, há mulheres que cheguem para todos os regimes políticos, general.

FELTZER — Aqui está uma afirmação em que o patriotismo francês não é exagerado...

ANDRÉ — Julgo que em muitas mais, capitão Feltzer...

FELTZER — Sem dúvida...

CENA II

Os mesmos, NIKOLSKI e KOWALEWSKI, secretário particular do rei, que aparecem no primeiro degrau da galeria conversando animadamente

CONRADO (*olhando-os*) — Oh! Por todas as pragas ortodoxas... Aí vêm os políticos, Dufresne! E o mais terrível de todos, Iogur Nikolski, com Kowalewski, o secretário de Sua Majestade... Eu fujo... Acompanhe-me, Feltzer...

IOKELMAN — Há exagero nesse receio, meu general...

CONRADO — Pelos santos ícones, exagero! Iogur Nikolski é um odioso político que há-de causar muito mal à Ilíria e Kowalewski um alma danada que ele teve a habilidade de colocar ao lado de Sua Majestade. Olhe, Litvine, apesar de não morrer de amores pelo seu Raditchef, antes esse mil vezes...

LITVINE — Com toda a razão... Raditchef, general, é o reitor da Ilíria, é o maior homem da nossa terra...

CONRADO — Hum! Maior que ele sou eu, que sou mais alto e mais gordo... Adeus, Dufresne, se tiver ocasião, observe-me esse Nikolski, um verdadeiro exemplar dos ofídios dos Balcãs... Capitão, acompanhe-me.

NIKOLSKI (*que tem descido e conversa no segundo plano com Kowalewski, vendo que Feltzer vai sair seguido de Conrado*) — Capitão Feltzer... um momento, se pode...

FELTZER (*hesita*) — É que... (*Indica Conrado.*)

CONRADO (*da porta, vendo a cena, arrogantemente*) — Então, Feltzer... Por que espera?

NIKOLSKI (*com um sinal de inteligência*) — Perfeitamente, Feltzer... Acompanhe o senhor general... Não é pressa.

(*Conrado e Feltzer saem à D., no primeiro plano.*)

CENA III

Os mesmos, menos CONRADO e FELTZER

IOKELMAN (*a Dufresne*) — Que exagerado, senhor secretário, é este nosso general!

DUFRESNE — Na sua apreciação sobre Nikolski?

IOKELMAN — Decerto, decerto! Nikolski é um homem superior...

LITVINE — É o primeiro intriguista da Ilíria e um mau liberal.

IOKELMAN — É o sectarismo político de Litvine que o faz falar assim... Iogur tem a seu lado as classes conservadoras, a finança, a propriedade, a indústria, tudo o que vale...

LITVINE — O que vale na Ilíria é o povo. Foi ele que derubou a tirania...

IOKELMAN — O povo! Esse povo em que se apoia Raditchef! Quatro milhões de selvagens tendo à frente Raditchef, que, nem que lhe pese, é um energúmeno!

LITVINE — Vê-se bem que o senhor é um judeu alemão, não pode amar o nobre povo desta terra...

IOKELMAN — É violento, Litvine!... Eu sou tão patriota como o senhor... Sou israelita, o que me dá a vantagem de não ter ídolos... O senhor tem um, que é Raditchef... Quanto à minha origem alemã, sabe que de há muito estou naturalizado... (*A Dufresne.*) Mas creia-me, senhor secretário, a propriedade, a indústria, os elementos de valor, mesmo, à parte meia dúzia de utopistas, o exército...

LITVINE (*interrompendo Iokelman*) — Eu ponho-te o caso claro, André, em dois traços. Raditchef é um mau político e um mau homem de Estado, como diz Iokelman, para a propriedade, para a grande propriedade, porque na Ilíria a grande propriedade não pagava impostos e Raditchef obrigou-a a pagar...

IOKELMAN — E por que forma...

LITVINE — Iogur Nikolski é um bom, ao contrário, porque para combater o rival contrariou isto... Iokelman é banqueiro. Tinha negócios com o Estado. Raditchef é mau para Iokelman porque a Ilíria este ano, graças a ele, não precisou, como todos os anos, recorrer ao crédito de Iokelman e dos seus colegas...

IOKELMAN — Histórias, meu amigo... Nós veremos...

LITVINE — Além disso, Iokelman é industrial, um grande industrial. Raditchef é um bandido porque obrigou os grandes

industriais como Iokelman a pagar as pernas e os braços dos pobres operários estropiados ao seu serviço, transformou-os de escravos em homens, não permitiu que as mulheres e as crianças tivessem como antecâmara do cemitério as oficinas onde trabalhavam... Enfim, tu vês claramente, Nikolski é um semideus porque combate Raditchef e este é um monstro porque, para servir o povo e a Ilíria, fere os privilégios de Iokelman.

IOKELMAN — Eu sou também, Litvine, um espírito avançado, o que não sou é um lunático... Tinha muito que dizer-lhe, mas...

LITVINE — Mas Nikolski está com os olhos fitos em si e o meu caro banqueiro não quer comprometer-se...

IOKELMAN — Honro-me com a amizade de Nikolski... (*A Dufresne.*) Senhor secretário, não creia nestes exageros...

DUFRESNE (*num gesto e com um sorriso evasivo*) — Ó meu prezado senhor...

IOKELMAN (*despedindo-se*) — Às suas ordens... E o senhor, Litvine, modere os seus ímpetos... Um jovem de tanto valor com tais ideias... (*Afasta-se para o grupo de Nikolski e Kowalewski, fala-lhes e sai.*)

DUFRESNE — Meu caro Sérgio, noto, com desprazer, que na Ilíria todos vos detestais cordialmente.

LITVINE — Este Iokelman... (*Noutro tom.*) Parece-me que o rei vai dar entrada nas salas... Vamos ver. (*Sobe ao fundo com André Dufresne.*)

CENA IV

Os mesmos, CLARA WALZEWA, MARUSSIA e JABOTINSKI,
num grupo ao fundo

(*Na galeria formam-se grupos de militares, convidados, damas em toilette.*)

NIKOLSKI (*a Kowalewski, indicando Clara Walzewa*) — É aquela Clara Walzewa?

KOWALEWSKI — A alta, de cabelo preto...